

EU QUE NESTE MOMENTO...

«Eu que neste momento aqui leio estas palavras
Eu leitor. Leitor muito exigente
desprevenido não caio nessa
do autor não estar presente.

Autor que finges ser leitor
quando escreves o que mentes.

Anti-autor do que és
péssimo leitor do que és.

Afinal poesia, para onde vamos?»

ALONSO FÉRIA, «Setembro de 1971»,
Editorial Estampa, Col. Novas Direcções,
n.º 11, Lisboa, 1971

O regresso de Namora

Chama-se «Os Clandestinos» o novo romance de Fernando Namora. Não fornecemos qualquer novidade: o livro foi anunciado em grande na imprensa portuguesa constituindo um caso de promoção a que não estávamos habituados. Entretanto houve lançamento conjunto no Brasil, o que dá ideia do actual espectro de audição do autor. Por outras palavras: um novo Namora não se desconhece, fala-se de.

«Os Clandestinos» anunciado em 1966 («O Tempo e o Modo», n.º 37, que dava um excerto) com o título «Os Cavalos Mordem a Erva», é uma obra de longa maturação. Cremos não desvirtuar o pensamento de Namora se juntarmos a esta nota um apontamento do convívio pessoal, segundo o qual o romancista, face às segundas provas, se teria sentido tão seguro que quase não fez (ou não fez de todo) emendas. Tema? Uma certa Lisboa, des-

culpe-se a «boutade», passada a sujo, contrapontada por uma outra Lisboa luminosa e vivendo sob o signo da esperança.

A figura do escultor Vasco Rocha avulta nas páginas de «Os Clandestinos» como o arquétipo de uma certa esquerda aburguesada sem remédio. Importante? Só nas páginas de abertura. Depois Namora abre o leque e todo aquele microcosmos se diferencia. Positivo: pela acção. Negativo: pela demissão. Uma obra, portanto, que se quer exemplar.

Eufrates

Agora saindo em ritmo mais regular, a colecção Cadernos de Poesia (de Moraes Editores) surpreendeu-nos com a reedição de «Aquele Grande Rio Eufrates», obra de estreia de Ruy Belo que em 1961 foi um «furo» da Ática. Um livro importante? Assim parece. Diríamos que poucos títulos na década de 60 se apresentaram com a qualidade de «Eufrates» e menos ain-

da com seu peso histórico.

Ruy Belo faz ante-por a reedição de um prefácio notoriamente polémico, onde avulta o seu perfil de hoje (muito diferente do de há onze anos, honra lhe seja feita). Leitor de Português em Madrid, o poeta tem intervindo com certa regularidade no processo intelectual português — recordamos, a título de exemplo, os recentes artigos no «Diário de Lisboa» e n'«A Bola». Quanto à obra nova, Moraes Editores prepararam-se para lançar, ainda este ano, a recolha «Monte Abraão», de que uma parte saiu no caderno «Outubro».

Ao Km. Um?

Despedido com armas e bagagens do jornal albicastrense «Reconquista», o suplemento de Artes e Letras «Ao Km Zero», coordenado pelo poeta José Correia Tavares, talvez reapareça proximamente no «Notícias da Covilhã», que convidou o responsável nesse sentido. Segundo julgamos saber, a nota inserta nesta secção teria alertado os homens do «Notícias» para a morte inglória de «Ao Km Zero». De onde a iniciativa...

Três mulheres

O que nós queríamos também dizer é que saiu (e não pode ser desconhecido) um livro intitulado «Novas Cartas Portuguesas», da tripla autoria de Maria Isabel Barreno, Maria Teresa Horta e Maria Velho da Costa. Editora: os Estúdios Cor, depois de várias negações da concorrência.

Se nenhum preconceito se intrometer com

a circulação das «Novas Cartas», poderá vir a tratar-se de um êxito livreiro de tomo. Situação geral: a mulher portuguesa (aqui sob a espécie de três escritoras) parte ao assalto dos mitos milenários que a envolvem. Forma? Necessariamente violenta. Mas de qualquer modo a ler, reler, meditar, «et pour cause». Iguamente um acto de extrema coragem no país das Pimpinelas, de bolso.

Pronto para ler

MAUGHAM, W. Somerset — Livros do Brasil lançam «As Mulheres de Antibes», colectânea de contos à boa maneira (menor) do autor de «Servidão Humana».

KEDROS, André — Grego, de que pode ele falar no longo exílio de Paris? Um título revelador: «A Resistência Grega». E um estilo «à la Kedros» (revelado em primeira mão pela Europa-América: lembrem-se de «Um Barco Dentro da Cidade?»): seco, directo, sem complacências. Aventura da Inova.

SENA, Jorge de — Também na Inova, «Poesia de 26 Séculos». A monstruosidade invulgar de um tradutor cuja capacidade de trabalho nos deixa estupefactos. Muita, muito boa poesia trazida ao nosso conhecimento pelo autor de «Coroa da Terra», também antologador das «Líricas Portuguesas — 3.ª Série» (Portugália Editora), também estudioso de Camões, também tradutor de Cavafy e, anuncia-se, da grande e discreta Emily Dickinson.